

O MORTO

Moacyr de Góes

O MORTO  
É IMÓVEL.  
NÃO PRECISA DE MOVIMENTO,  
MESMO QUE TENHA  
DIANTE DE SI  
TODA A ETERNIDADE.

OS SAPATOS DO MORTO  
SÃO PRETOS, DE VERNIZ, DE BICO FINO.  
E FICAM MAIS ALTOS  
DO QUE A CABEÇA DO MORTO.

OS VIVOS  
ORGANIZARAM E POSICIONARAM  
O MORTO  
NO CAIXÃO,  
SEM CONSULTÁ-LO.

ASSIM,  
O MORTO SE VÊ NUMA CONTRADIÇÃO:

- LIVRE,
- MAS, PRESO, PORQUE EXPOSTO AOS VIVOS  
QUE DESFILAM DIANTE DO CAIXÃO,  
COM MEDO.

Brasília - 20.07.84

## O TESTAMENTO DO POETA

Para o mestre Zacarias,  
o mais velho entre os demais,  
a lona de minha cama  
para o uniforme de arrais.

Para o Dr. Vulpiano,  
comuna de muito lastro,  
deixo o que tiver de barba  
e o sobrenome de Castro.

Ao Dr. Aldo Tinoco,  
parlamentar roncador,  
um silencioso para  
o seu noturno motor.

Para Moacir de Góis,  
cristão entre nove ateus,  
o Evangelho de Cristo  
segundo João e Mateus.

Ao vermelho Evlim Medeiros,  
hoje um tanto desbotado,  
um corante que conserve  
a côr do seu encarnado.

Para Hélio Vasconcelos,  
sempre xingando ~~o mundo~~ um gorila  
um abraço parecido  
com os da irmã de Ercila.

Ao chapa Carlos Alberto,  
rádio-amador em recreio,  
cabos para suspender  
a torre que tem no meio.

Para Francisco Ginani,  
um avião de jornal  
para voar para a terra  
do P.C.B., marechal.

Para Geniberto Campos,  
outro cristão entre feras,  
a lembrança de Laly  
junto a lembrança de Veras.

A Josemar Azevedo,

a lembrança do meu dedo  
ou um Preparado-H.

Ao novel José Arruda,  
o mais moço que nós temos,  
para vestir toda noite:

UMA CAMISA DE VENUS

E para mim, onde esteja,  
em outra cela ou cidade,  
o que vocês me deixaram:  
a dor fela da cidade.

Quarto da PM, em Natal, 13.7.64.